

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E O ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE FELIPE GUERRA-RN¹

Andreza Avelina de Oliveira²

Mifra Angélica Chaves da Costa³

RESUMO: O presente artigo aborda a formação de professores que tem por intuito o aperfeiçoamento do trabalho com alunos situados no Transtorno do Espectro Autista (TEA), retrata o autista em sala de aula, e como a formação dos professores dão esse suporte nas práticas docentes para que o aluno possa aprender de fato e consequentemente haja a inclusão. O estudo tem como objetivo geral analisar quais os desafios e perspectivas na formação dos professores de língua portuguesa durante o ensino ao aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e por objetivos específicos, conhecer sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) explorando suas características, impactos e abordagens pedagógicas para esse público, saber como acontece o processo da formação de professores (Língua Portuguesa) e verificar como a formação docente contribui para enfrentar os desafios e pensar perspectivas para o ensino de aluno com Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa foi embasada teoricamente nos autores: Barbosa *et al* (2013); Brasil (1988); Brasil (2022); Cunha (2016); Freire (2011); Fink (2016); Nóvoa (1991); Silva; Silva; Barra (2021) e Tardif (2002). Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como estudo de caso, utilizando a abordagem qualitativa. A pesquisa é direcionada a dois professores de língua portuguesa que lecionam para alunos autistas na Escola Estadual Antônio Francisco, em Felipe Guerra - RN. Os resultados obtidos mostram a importância da formação inicial e continuada, da conscientização sobre a inclusão, da adaptação de estratégias de ensino, e da colaboração e repasse de informações entre escola, família e profissionais, e do apoio para garantir o sucesso da inclusão de alunos autistas. Assim, as experiências e perspectivas dos professores podem variar significativamente com base em sua formação e experiência pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Formação do professor. Transtorno do Espectro Autista. Educação inclusiva. Língua Portuguesa. Práticas docentes.

ABSTRACT: This article addresses teacher training aimed at improving the work with students placed within the Autism Spectrum Disorder (ASD), portrays the autistic in the

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Linguagens e Ciências Humanas como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras/Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

² Graduanda na licenciatura em Letras/Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

³ Orientadora, Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Especialista em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pela Faculdade Católica Nossa Senhora das Vitórias (FCNSV) e Práticas em Educação Bilíngue pela FAVENI. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação- POSEDUC/ UERN.

classroom, and how teacher training supports teaching practices so that the student can actually learn, and consequently there is inclusion. The general objective of the study is to analyze the challenges and perspectives in the training of Portuguese language teachers during the teaching of students with autism spectrum disorder (ASD), and the specific objectives are to learn about Autism Spectrum Disorder (ASD), exploring its characteristics, impacts, and pedagogical approaches for this audience, to know how the process of teacher training (Portuguese Language) takes place and to verify how teacher training contributes to facing the challenges and thinking about perspectives for teaching students with Autism Spectrum Disorder. The research was theoretically grounded in the works of the following authors: Barbosa *et al* (2013); Brasil (1988); Brasil (2022); Cunha (2016); Freire (2011); Fink (2016); Nóvoa (1991); Silva; Silva; Barra (2021) and Tardif (2002). Methodologically, the study is characterized as a case study, using a qualitative approach. The research is directed towards two Portuguese language teachers who teach autistic students at the Antonio Francisco State School in Felipe Guerra - RN. The results underscore the significance of both initial and ongoing training, awareness of inclusion, the adaptation of teaching strategies, and collaboration and information sharing among the school, families, and support professionals to ensure the successful inclusion of autistic students. So, the experiences and perspectives of teachers can vary significantly based on their training and personal experience.

KEY WORDS: Teacher education. Autism Spectrum Disorder. Inclusive education. Portuguese language. Teaching practices.

1. INTRODUÇÃO

A formação inicial, e continuada, dos professores de Língua Portuguesa desempenha um papel fundamental na preparação e capacitação desses profissionais para lidar com os desafios do ensino, e principalmente, quando se discorre sobre um ensino para alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). A formação de professores para a inclusão de alunos com TEA é um aspecto de suma importância para garantir uma qualificação para o aprimoramento da sua prática docente, e com isso, um ensino de qualidade e promoção da inclusão desses estudantes no ambiente escolar.

Despertou-se o interesse por esse tema durante o estágio obrigatório de observação II em uma escola pública dos anos finais do ensino fundamental. Na sala havia um aluno com traços do Transtorno do Espectro Autista (TEA), assim, podendo perceber que durante as aulas o aluno não recebia nenhum tipo de auxílio ou alguma adaptação do assunto, para que ele pudesse participar das aulas e das atividades propostas pela professora. Portanto, a partir dessas observações pude pensar, enquanto futura professora de Língua Portuguesa, a possibilidade de ter alunos autistas em sala de aula, e na função de professora como eu

poderia suprir as lacunas desse ensino? Essa questão veio acompanhada do desejo de poder incluir esses alunos, para que eles pudessem aproveitar tudo aquilo que um ensino de qualidade pode proporcionar para a formação escolar e pessoal.

Em meio a tantos desafios em sala de aula, o professor de escola pública com as suas demandas exaustivas de trabalho consegue superar esses entraves, a fim de proporcionar o melhor ensino possível para os alunos com TEA. É importante compreender como os professores de Língua Portuguesa podem atender às necessidades dos alunos autistas em sala de aula, promovendo a inclusão e o sucesso escolar dos mesmos.

A pesquisa é motivada pela crescente conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA)⁴, e pela importância de garantir que alunos com TEA recebam a educação adequada. Pois, há uma falta de pesquisas específicas sobre a formação de professores de Língua Portuguesa para lidar com alunos com autismo. A ausência de estudos prévios motivou a investigação para preencher essa lacuna no conhecimento científico e acadêmico. E assim contribuir para a melhoria da qualidade da educação de alunos com esse transtorno, fornecendo esclarecimentos e recomendações que possam ser aplicados na formação de professores e nas práticas educacionais, assim a comunidade escolar pode regozijar de diversos benefícios e resultados positivos. Ao investir na formação de professores e na melhoria das práticas educacionais, a comunidade escolar pode criar um ambiente mais inclusivo, eficaz e positivo, que beneficia não apenas os alunos com TEA, mas toda a comunidade escolar. Isso contribui para o desenvolvimento acadêmico, social e emocional dos alunos, bem como para o fortalecimento da escola como instituição de ensino.

Atualmente, tem sido um grande desafio para os profissionais da educação básica o ensino de inclusão dos alunos como o Transtorno do Espectro Autista. Por esse viés podemos indagar: quais os desafios e perspectivas na formação dos professores de língua portuguesa durante o ensino ao aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA)? Esses profissionais, mesmo sem a formação adequada para esse público, precisam encontrar maneiras de suprir essa necessidade de incluir o aluno ao ensino. É importante que o professor tenha conhecimentos sobre as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as melhores práticas para ensinar a esses alunos. Como isso, Sousa (2015) diz:

⁴ No ano vigente (2023) o TEA é um assunto muito debatido.

Vale ressaltar a importância de o professor detectar as dificuldades de seus alunos, pois é indispensável que ele conheça todas as características e tenha um pleno conhecimento do que é o autismo para que haja propriedades nas práticas aplicadas que visem na inclusão e no desenvolvimento dos alunos (p. 14).

No panorama educacional contemporâneo, é importante compreender e abordar de maneira abrangente as necessidades e desafios que os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam dentro do ambiente escolar. Portanto, é fundamental que o sistema educacional contemporâneo compreenda e aborde de maneira ampla as necessidades dos alunos com TEA para promover uma educação verdadeiramente inclusiva, equitativa e de qualidade, também o mesmo tempo, a preparação e formação dos professores para que desempenhem um papel crucial na construção de um ambiente educacional inclusivo e eficaz.

Diante disso, este estudo tem como objetivo geral analisar os desafios e perspectivas na formação dos professores de língua portuguesa durante o ensino ao aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). E por objetivos específicos conhecer sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), explorando suas características, impactos e abordagens pedagógicas para esse público. Saber como acontece o processo da formação de professores (Língua Portuguesa), assim, destacando como os educadores são preparados para lidar com a diversidade de estudantes em suas salas de aula. E por último verificar como a formação docente contribui para enfrentar os desafios e pensar perspectivas para o ensino de aluno com Transtorno do Espectro Autista, ou seja, se a formação recebida pelo professor influencia sua capacidade de criar ambientes de aprendizagem inclusivos, adaptar estratégias de ensino e atender às necessidades individuais dos alunos com TEA.

A pesquisa é sustentada pelos os autores, Barbosa *et al* (2013); Brasil (1988); Brasil (2022); Cunha (2016); Fink (2016); Silva; Silva; Barra (2021), autores que abordam o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas característica, o direto a educação e o aluno com TEA e o sala de aula. O estudo ainda é embasado por Freire (2011); Nóvoa (1991); e Tardif (2002), que falam sobre o professor, suas práticas docentes e sua formação. Esses autores são responsáveis por fornecer as bases teóricas que dão suporte a essa pesquisa.

A pesquisa é de cunho qualitativo, que segundo Gil (1999) observa-se que a pesquisa qualitativa é intrinsecamente ligada ao objeto de estudo, construída com base na dinâmica e na abordagem do problema investigado. A abordagem usada na pesquisa é um estudo de caso, que de acordo com Marconi e Lakatos (2003) definem o estudo de caso como uma

investigação profunda de um ou poucos objetos de pesquisa, com o objetivo de entender as características específicas desses objetos e como eles se relacionam com um contexto mais amplo.

O instrumento usado para a pesquisa foi: um formulário desenvolvido no *Google Forms* com perguntas direcionadas aos professores. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Antônio Francisco em Felipe Guerra-RN, a única escola de ensino médio da cidade, cidade onde nasci e cresci, a escola tem de grande significado pessoal para mim, pois foi onde estudei meu ensino médio completo, e também fui estagiária no estágio obrigatório IV de regência na graduação. Os sujeitos da pesquisa são dois professores de Língua Portuguesa atuantes em salas com alunos autistas, um dos professores tem em sua sala de aula um aluno que contém o diagnóstico do TEA, e outro atua na sala onde o aluno ainda está em processo de investigação.

Esse estudo contribuirá para uma melhor compreensão das práticas pedagógicas inclusivas no contexto do Transtorno do Espectro Autista, identificando formas pelas quais a formação de professores pode ser aprimorada para enfrentar os desafios inerentes a esse cenário educacional. Ao final, esperamos fornecer percepções valiosas que possam orientar políticas e práticas educacionais mais eficazes e inclusivas, visando o desenvolvimento dos alunos, independentemente de suas necessidades individuais.

Este artigo está organizado da seguinte forma: num primeiro tópico intitulado “Discussões iniciais: Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a educação” serão abordados os conceitos e debates inerentes ao autismo. No segundo tópico “Formação de Professores em Debate” irá discutir sobre o processo de construção da formação docente. No terceiro, a metodologia, que será o momento de discorrer sobre o percurso metodológico da pesquisa. No quarto tópico, cujo título é “Análises e Discussões” serão as problematizações e análises, a partir das falas dos professores de Língua Portuguesa que tem alunos autistas, os quais colaboraram com a pesquisa. Em seguida, as considerações finais e as referências.

2. DISCUSSÕES INICIAIS: TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A EDUCAÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neuropsiquiátrica que afeta o desenvolvimento, com manifestações comportamentais e déficits na comunicação e interação social. Caracteriza-se por comportamentos repetitivos e estereotipados, além de um foco restrito de interesses e atividades.

O TEA é um distúrbio caracterizado pela alteração das funções do neurodesenvolvimento, que podem englobar alterações qualitativas e quantitativas da comunicação, seja na linguagem verbal ou não verbal, na interação social e do comportamento, como: ações repetitivas, hiper foco para objetos específicos e restrição de interesses. Dentro do espectro são identificados graus que podem ser leves e com total independência, apresentando discretas dificuldades de adaptação, até níveis de total dependência para atividades cotidianas ao longo de toda a vida. (BRASIL, 2022).

O TEA atinge as funções do neurodesenvolvimento, que é o responsável pelas habilidades motoras, cognitivas e psicossociais, as características da pessoa com TEA são altamente individuais, e cada pessoa é única em sua experiência. Além disso, a intervenção precoce e o apoio individualizado desempenham um papel fundamental em ajudar as pessoas com TEA a alcançar seu pleno potencial e a lidar com os desafios que possam enfrentar. A compreensão e o respeito às necessidades das pessoas com TEA são cruciais para criar ambientes inclusivos e promover sua participação plena na sociedade.

Para o melhor desenvolvimento de pessoas com TEA precisamos pensar na inclusão, assim, reconhecer que todos os indivíduos têm o direito de acessar os benefícios educacionais, proporcionados pela comunidade escolar. É fundamental que o indivíduo com deficiência tenha acesso aos seus direitos, isso é incontestável, pois está enraizado nos princípios fundamentais de justiça, igualdade e direitos humanos. É essencial para construir uma sociedade inclusiva, respeitosa e que valoriza a diversidade, garantir esses direitos é um compromisso moral e legal que beneficia a todos. Durante os anos criaram estigmas e preconceitos as pessoas com deficiência, assim as excluindo. Hoje já podemos ver a inclusão acontecendo, mesmo de uma forma lenta, mas com os anos veremos as suas proporções, porque nem sempre foi assim. Fink (2016) vem a nos dizer que:

A inclusão no Brasil passou de um foco excludente para uma visão inclusiva de todos. Em outras palavras, são visíveis na história as práticas de exclusão daqueles que eram ignorados pelo poder público e sociedade. Partindo, do século XVIII,

período que se caracterizou por movimentos de exclusão, as pessoas com deficiência foram retiradas do convívio social porque não tinham direitos, nem a sociedade os aceitava, portanto, necessitavam viver reclusos. Relegando-os a uma reclusão de confinamento em tempo integral. (p.11).

No passado, as pessoas com deficiência enfrentavam uma série de barreiras físicas, sociais e culturais que as impediam de participar plenamente na sociedade. A exclusão era uma prática enraizada na falta de compreensão e na estigmatização. No entanto, ao longo dos anos, houve um movimento em direção a uma visão mais inclusiva e igualitária. Isso foi impulsionado por uma série de fatores, incluindo mudanças nas atitudes sociais, avanços na legislação e uma crescente conscientização sobre os direitos das pessoas com deficiência, assim, não sendo diferente no meio educacional.

A Constituição Brasileira vem nos dizer que, a educação é um direito inalienável de todos os indivíduos e, simultaneamente, uma responsabilidade compartilhada pelo Estado, pelas famílias e pela sociedade como um todo. Através desse preceito, a Constituição de 1988 define a educação não apenas como um processo de transmissão de conhecimento, mas como um meio vital para o pleno desenvolvimento humano, a formação cidadã e a capacitação profissional.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

Segundo o artigo 208 da Constituição Brasileira (Brasil, 1988), o Estado deve “garantir atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. As escolas têm a obrigação de oferecer um ensino de qualidade para os seus alunos, e quando se fala de acessibilidade ainda se encontra algumas lacunas nesse ensino de qualidade para alunos com alguma deficiência.

De acordo com Cunha (2016), a inclusão de alunos autistas na escola regular é um direito assegurado no Art. 27 na lei Nº 13.146, de 06 de Julho de 2015, mas a efetivação dessa inclusão requer a adequação das práticas pedagógicas e a capacitação dos professores para o trabalho com esses estudantes. Nesse sentido, a formação do professor de língua portuguesa é fundamental para que ele possa atender às necessidades dos alunos com TEA. O papel pedagógico adequado do professor com os alunos autistas em sala de aula contribui para a

formação do mesmo para a sociedade, os alunos por meio de um ensino adequado têm a capacidade de superar os obstáculos durante a vida escolar, isso pode contribuir em uma maior autonomia e independência na vida adulta.

Segundo as perspectivas de Barbosa *et al.* (2013), interagir e se comunicar se tornam grandes desafios para o professor ao iniciar o processo de inclusão de crianças com autismo em sala de aula regular. O convívio com outras crianças pode desencadear comportamentos agressivos em relação aos professores e colegas, resultando em conflitos. Essas características complexas apresentadas pelas crianças com TEA no ambiente escolar frequentemente geram polêmica e discussões amplas, tornando a abordagem desse tema nada fácil.

Além dos desafios constantes, de acordo com Silva; Silva; Barra (2021), para garantir um efetivo aprendizado do aluno com autismo, o professor precisa compreender que, além do currículo, é fundamental fornecer os meios adequados para sua aprendizagem. Nesse sentido, a metodologia utilizada e os recursos adotados desempenham um papel crucial. É essencial considerar todas as estratégias possíveis visando o desenvolvimento ótimo do aluno autista, para que a escola não seja a única responsável por lidar com esses casos. Nessa perspectiva, toda forma de assistência é indispensável quando há o objetivo de promover o crescimento do aluno da maneira mais adequada.

Para o crescimento de forma adequada do aluno com TEA, os professores que lidam com eles e suas especificidades, necessitam de conhecimentos que os possibilitam usarem de estratégia para o melhor aprender do aluno. Sendo assim, no tópico abaixo iremos abordar a formação inicial e a formação continuada dos professores que são amparados para esse processo.

3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM DEBATE

A formação do professor é um processo essencial para preparar e capacitar profissionais para exercerem a docência de forma eficaz. Ela envolve a aquisição de conhecimentos teóricos e práticos, o desenvolvimento de habilidades pedagógicas e a reflexão sobre a prática educativa. A formação do professor abrange diferentes etapas, desde a

formação inicial, que ocorre nas instituições de ensino superior, até a formação continuada, que ocorre ao longo da carreira profissional. Além disso, Nóvoa (1991) afirma que:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (p.14).

É fundamental a formação inicial nas instituições de ensino superior e a formação continuada ao longo da carreira profissional, preparando e capacitando os professores para enfrentar os desafios da sala de aula, quando se depararem com alunos com TEA. A formação continuada é um processo que permite atualização, aprimoramento e troca de experiências entre os profissionais e toda a escola, pois "somos seres condicionados, mas não determinados" (Freire, 2011, p.17). A perspectiva crítico-reflexiva é uma abordagem desejável na formação dos professores, para estimular o pensamento autônomo e a construção de identidade profissional.

Com isso, Freire (2011) ressalta a importância do trabalho da prática de ensino voltada ao aluno, enfatizando a utilização de reflexões críticas, para o desenvolvimento da autonomia dos educandos. Destacando a valorização da criatividade do aluno, o respeito aos saberes dos alunos, e a dimensão da diversidade dos docentes, e que o professor deve saber lidar com elas. Deixando clara a importância de respeitar e trabalhar essas diversidades em sala de aula porque, "(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (Freire, 2011, p.25).

Uma questão fundamental no contexto da formação de professores, é que os professores têm a responsabilidade de formar pessoas, ou seja, seus alunos, e essa missão implica que eles possuam competências consideráveis em relação ao processo de ensino e aprendizagem. No entanto, os professores muitas vezes não têm o reconhecimento ou o poder de influenciar significativamente sua própria formação como educadores. Segundo Tardif (2002):

(...) É estranho que os professores tenham a missão de formar pessoas e que se reconheça que possuem competências para tal, mas que, ao mesmo tempo, não se reconheça que possuem a competência para atuar em sua própria formação e para controlá-la, pelo menos em parte, isto é, ter o poder e o direito de determinar, com outros atores da educação, seus conteúdos e formas (...) (p. 240).

Assim, destacando a importância de reconhecer e valorizar a expertise dos professores não apenas como educadores de alunos, mas também como participantes ativos na formação e na construção de políticas educacionais. Vendo a necessidade de dar aos professores o poder e o direito de influenciar sua própria formação e o sistema educacional em geral. Pois, “(...) o trabalho dos professores exige conhecimentos específicos a sua profissão e dela oriundos, então a formação de professores deveria, em boa parte, basear-se nesses conhecimentos (...)” (Tardif, 2022, p. 241).

Com isso, é necessário que o professor pense em sua formação de maneira integral, a partir das demandas e necessidades diante o cotidiano em sala de aula, pois a formação inicial deixar a desejar quando falamos de assuntos específicos com o TEA, não se tem uma formação adequada para lidar com esse público. Com isso, pensar em suas qualificações futuras em sua formação continuada é de suma importância. Nóvoa (2019) nos diz que o processo de desenvolvimento profissional atinge sua plenitude por meio da formação contínua. Diante da magnitude dos problemas e dos desafios atuais na área da educação, torna-se ainda mais crucial fortalecer as dimensões coletivas do corpo docente.

Através disso, iremos abordar no tópico seguinte as metodologias usadas no processo da construção de dados para a pesquisa, para o que foi discutido anteriormente ser abordado de uma forma mais expressiva quanto aos acontecimentos do cotidiano dos professores de escola pública, quando se trata de lidar com alunos autistas em sala de aula.

4. METODOLOGIA

A pesquisa terá uma abordagem qualitativa. Segundo Gil (1999) observa-se que a pesquisa qualitativa é intrinsecamente ligada ao objeto de estudo, construída com base na dinâmica e na abordagem do problema investigado. Seu objetivo é descrever e interpretar de

maneira subjetiva os elementos de um sistema complexo de significados, sem se ater à mensuração dos fenômenos. Essa abordagem busca compreender o contexto no qual o fenômeno ocorre.

Juntamente, será utilizada uma abordagem de pesquisa de caso que, Segundo Marconi e Lakatos (2003), um estudo de caso é definido como um estudo aprofundado de um ou mais objetos de pesquisa com o objetivo de compreender suas características específicas e como eles se relacionam com um contexto mais amplo. As autoras afirmam que estudo de caso é um método de pesquisa que enfoca um caso específico. Seja uma pessoa, grupo, organização ou fenômeno. O objetivo é analisá-lo detalhadamente e compreender suas características. Ainda nessa perspectiva, Severino (2014) vem nos falar que o caso designado para investigação deve ser significativo e bem representativo para poder sustentar generalizações e tirar conclusões sobre situações semelhantes.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Antônio Francisco em Felipe Guerra, uma cidade no interior do Estado do Rio Grande do Norte, a cerca de 72 km de Mossoró, a segunda maior cidade do RN e 356 km da capital, Natal. Felipe Guerra possui de acordo com o último Censo IBGE (2022) 5.940 habitantes.

A Escola Estadual Antônio Francisco fez parte da minha formação enquanto aluna. A escola está localizada na Rua Avenida Mira Selva, Nº102 no bairro Cidade Alta no centro da cidade. Têm em sua estrutura oito salas de aulas, e uma sala de atendimento educacional especializado (AEE), essa foi aberta em 2019 sendo recente esse atendimento na escola, também contém uma sala de professores, possui quatro banheiros separados entre alunos e funcionários e dividido por sexo, possui uma diretoria, uma secretaria, um laboratório, uma cozinha com refeitório, um pátio e uma horta orgânica. O seu corpo docente é composto por 20 professores sendo, uma professora do AEE, também contém 356 alunos e 12 alunos com algum tipo de deficiência.

A pesquisa é direcionada a dois professores de língua portuguesa que ensinam a alunos TEA, um dos professores ministra a aula na sala do 7º ano 'A' dos anos finais do

ensino fundamental, onde uma aluna está no processo de investigação, o outro professor ministra a aula na sala do 1ª ano 'C' do Ensino Médio, onde a um aluno que é diagnosticado como o transtorno.

A construção de dados foi realizada por meio de um formulário via *Google Forms*, composto por 11 perguntas, as perguntas perpassam os temas abordados na pesquisa e permitem a exploração das percepções, experiências e formação desses professores nas práticas de ensino ao aluno com TEA em situações reais de sala de aula.

Em seguida iremos debater o que foi abordado no formulário direcionado para os dois professores, sobre suas experiências e vivências de acordo com sua formação enquanto docente no que se refere ao aluno autista.

6. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O estudo foi direcionado a dois professores, o primeiro professor, que iremos chamar de Carlos⁵, do sexo masculino, com 37 anos de idade, graduado em Letras-Português e suas respectivas Literaturas pela UERN, tem especialização em práticas de ensino na educação infantil e fundamental (FIP), também tem mestrado em ciências da linguagem pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), tem experiência na docência há cerca de 10 anos. O segundo professor, que iremos chamar de Paulo⁶, também é do sexo masculino, com 41 anos de idade, graduado em Letras-Português, com experiência de aproximadamente 15 anos.

Como pontapé inicial para a nossa pesquisa, a partir de alguns preceitos sobre a formação inicial desses professores veio à indagação a respeito dessas formações voltadas à inclusão de alunos. Abaixo, veremos tabelas onde poderemos visualizar as questões aplicadas e suas respectivas respostas e comentários a seguir.

⁵ Nome fictício do professor para preservar sua identidade por questões de ética.

⁶ Nome fictício do professor para preservar sua identidade por questões de ética.

Tabela 01

Pergunta:	Como foi a formação inicial? (Tiveram disciplinas voltadas à inclusão, educação especial, autismo).
Respostas:	Carlos: “Sim. A grade curricular da graduação dispunha de LIBRAS. Na especialização, havia uma disciplina que abordava os distúrbios mais comuns apresentados pelos discentes na sala de aula, bem como a importância da formação docente nessa perspectiva”.
	Paulo: “Não”.

Fonte: Autoria própria (2023).

Há uma grande diferença entre as respostas quando falamos sobre grade curricular. Professores com uma pequena diferença de cinco anos entre suas experiências na docência e também em idade, mas percebemos que cinco anos é muito tempo para poder atualizar uma grade curricular. Vimos diante das respostas dos professores, que durante o percorrer do tempo está sendo atualizadas as grades curriculares dos cursos apesar de que seja de uma forma lenta. Carlos, em sua grade já tinha um amparo sobre inclusão, mas Paulo ainda não.

A diferença na formação inicial dos professores Carlos e Paulo, em relação à inclusão, educação especial e autismo, pode influenciar suas abordagens pedagógicas na sala de aula. A formação inicial de um professor desempenha um papel significativo na preparação para lidar com a diversidade de necessidades dos alunos. A formação inicial desempenha um papel crucial na preparação dos professores para atender às especificidades dos alunos, e a falta de cursos relacionados a esses tópicos pode criar disparidades em suas abordagens pedagógicas ao longo de suas carreiras.

Diante disso, nos aprofundamos sobre as experiências desses professores, desde o primeiro contato com a escola que se dá a partir do estágio quando estamos em processo de formação inicial. Sobre alunos autistas se:

Tabela 02

Pergunta:	Teve autista em seu estágio?
Respostas:	Carlos: “Não”.
	Paulo: “Não”.

Fonte: Autoria própria (2023).

Ambos os professores não tiveram esse primeiro contato com alunos autistas em sua formação inicial. O primeiro contato com alunos nem que seja de uma forma mais superficial nos traz um turbilhão de sentimentos tanto profissional como pessoal nos tornamos empáticos, reflexivos sobre de que tais formas podem dar um apoio a esses alunos. Não ter esse contato dificulta essa concepção no processo de formação.

Portanto, a formação inicial é um processo de preparação para profissionais começarem a atuar em suas respectivas áreas. No contexto educacional, a formação inicial de um professor é essencial para capacitá-lo a desempenhar seu papel de educador de maneira eficaz.

Tabela 03

Pergunta:	Quando você se deparou com um aluno autista em sua sala de aula como você se sentiu, com agiu, sua formação inicial deu esse respaldo?
Respostas:	Carlos: “Sim. Senti-me mais confiante em poder trabalhar suas necessidades e assim, aprender mais sobre o tema”.
	Paulo: “Não deu, senti grande dificuldade”.

Fonte: Autoria própria (2023).

O Professor Carlos sentiu-se mais confiante em sua capacidade de atender às necessidades do aluno autista, essa confiança é resultado de uma formação inicial que abordou a inclusão. A resposta do professor Paulo reflete uma reação diferente, na qual se sentiu desafiado e teve dificuldades ao lidar com o aluno autista. Resultado de uma formação inicial que não forneceu o preparo necessário para lidar com as necessidades específicas desse aluno. Podemos ver que as reações dos professores podem variar significativamente ao se depararem com um aluno autista em sala de aula, dependendo de sua formação, experiência e confiança pessoal. Ser professor é estar sempre se renovando e se atualizando.

Para o ensino ao aluno autista precisa haver planejamentos para a inclusão, com isso o professor precisa obter um diagnóstico em sua turma e precisamente dos alunos com TEA, para assim, identificar suas limitações na condição de aluno, pois quando não se tem conhecimento desse diagnóstico se torna inviável a inclusão. O professor precisa pensar em uma forma mais eficaz para o aprendizado para aos seus alunos.

Tabela 04

Pergunta:	Como são as aulas e como são os planejamentos para incluir o aluno autista?
Respostas:	Carlos: “As aulas seguem o fluxo normal, enquanto o aluno especial recebe maior atenção e seu material, possivelmente, é adaptado ao assunto abordado na aula”.
	Paulo: “Não tenho aluno autista”.

Fonte: Autoria própria (2023).

Vimos que Carlos vem a dizer, que sempre que possível a essa adaptação. No entanto, a resposta não fornece detalhes específicos sobre como o material é adaptado ou como essa adaptação pode ser eficaz. Porém, ele demonstra uma conscientização de que os alunos autistas podem ter habilidades de aprendizagem diferentes das de outros alunos, assim passando a fornecer conteúdos adaptados. Em resposta o Paulo diz, não está ciente desse aluno autista em sua sala de aula, que essa informação não teria sido repassada para ele. Podemos perceber a partir da resposta de Paulo, vimos que é importante a participação da comunidade escolar nesse processo como o aluno com TEA, ter o acesso, o repasse desse

diagnóstico para aqueles que irão lidar com esse aluno no dia a dia é indispensável, pois assim, poderão se aprofundar em estratégias de ensino e adaptação de materiais específicos para atender às necessidades dos alunos autistas.

O aprendizado é uma dos processos importante, tanto para o aluno como para o professor, pois é a etapa que os alunos mostram que de fato houve uma absorção do conteúdo ministrado pelo o professor, portanto o docente poderá acompanhar a evolução desses alunos.

Tabela 05

Pergunta:	Sobre a aprendizagem, o aluno está aprendendo, ele está se desenvolvendo?
Respostas:	Carlos: “Esse é um processo lento e relativo. Há muita resistência por parte do discente, não há nenhuma conclusão que comprove efetiva aprendizagem, apenas percebe-se que se o material for adaptado há uma notória participação”.
	Paulo: “Não tenho aluno autista”.

Fonte: Autoria própria (2023).

De acordo com Carlos a aprendizagem é um processo lento e relativo, destacando que muitas vezes os alunos podem resistir ao aprendizado. Também fala que não há uma conclusão definitiva que comprove a efetiva aprendizagem, mas nota-se uma participação mais ativa quando o material é adaptado. Isso indica que a adaptação do material pode facilitar a aprendizagem do aluno, mas que a avaliação da aprendizagem pode ser complexa e subjetiva. A resposta de Paulo se desconecta do contexto pelo o motivo relacionado na sua resposta na pergunta anterior, mas ainda assim, podemos perceber a partir dessa resposta que o professor não tem esse diagnóstico sobre a evolução do aluno, pois ele desconhece o diagnóstico médico do aluno autista em sua sala de aula. Portanto, não contribuindo diretamente para a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno autista.

O uso das metodologias é indispensável, a metodologia nos oferece a capacidade de optar pela abordagem mais eficiente do conteúdo, tornando tanto o trabalho quanto o estudo mais eficazes, estimulando pensamento crítico nos alunos.

Tabela 06

Pergunta:	Quais são as metodologias usadas em sala de aula para a inclusão desses alunos?
Respostas:	Carlos: “Rodas de conversa, jogos didáticos elaborados pelos próprios alunos, atividades de adaptação de fonte, cores e desenhos...”.
	Paulo: “Não tenho aluno autista”.

Fonte: Autoria própria (2023).

Carlos fornece exemplos de metodologias inclusivas que podem ser eficazes para a inclusão. Rodas de conversa, jogos didáticos elaborados pelos próprios alunos e atividades de adaptação de fonte, cores e desenhos demonstra uma abordagem criativa e diversificada para a inclusão. Essas estratégias podem ajudar a envolver os alunos, tornar o ambiente de aprendizado mais acessível e atender às necessidades individuais dos estudantes com autismo. Paulo por sua vez menciona novamente que não tem aluno autista, com isso podemos deduzir que não são usadas nem uma metodologia para a inclusão do mesmo, podendo nos levar a entender que esse aluno não tem nem um tipo de suporte em sala de aula. Segundo Tardif (2002):

(...) os conhecimentos profissionais exigem sempre uma parcela de improvisação e de adaptação a situações novas e únicas que exigem do profissional reflexão e discernimento para que possa não só compreender o problema como também organizar e esclarecer os objetivos almejados e os meios a serem usados para atingi-los (p. 248).

Os desafios são inevitáveis no ensino ao aluno autista, enfrenta-los de forma hábil trás ao ensino uma abordagem mais eficaz ao aluno. Apesar das dificuldades, tentar ser um professor sensível a essas situações leva ao aluno suprir suas limitações.

Tabela 07

Pergunta:	Quais os desafios enfrentados durante as aulas de língua portuguesa diante dos alunos autistas?
Respostas:	Carlos: “Quando envolve leitura é até mais cômodo, o maior desafio é quando tem que trabalhar os elementos gramaticais e classificatórios”.
	Paulo: “Não tenho aluno autista”.

Fonte: Autoria própria (2023).

Carlos destaca que, quando se trata de leitura, a situação pode ser mais confortável, sugerindo que o aluno autista em sua sala de aula pode se sair melhor em atividades de leitura. No entanto, menciona que o maior desafio surge quando é trabalhado elementos gramaticais e classificatórios. Isso pode ser compreendido como um desafio comum no ensino de língua portuguesa para alunos autistas, já que muitos deles podem ter dificuldades em compreender conceitos gramaticais abstratos e classificações complexas. A resposta de Paulo afirma que não tem alunos autistas, o que indica que não está diretamente envolvido com esse aluno e com suas limitações no ensino de língua portuguesa, sendo assim, algo um tanto preocupante para a inclusão e o aprendizado desse aluno. Com isso, é importante destacar que os desafios podem variar de acordo com as necessidades individuais dos alunos autistas, e os educadores devem adotar estratégias pedagógicas diferenciadas para atender a essas necessidades específicas.

O professor por sua vez necessita de suportes para lidar melhor com as especificidades dos alunos com TEA, para assim poder extrair ao máximo das potencialidades desses alunos, e também ministrar uma aula mais proveitosa.

Tabela 08

Pergunta:	Você é assistido por algum suporte? (auxiliar em sala de aula, AEE, apoio da família, suporte pedagógico, equipe ocupacional).
------------------	---

Respostas:	Carlos: “Sim. Uma especialista do AEE”.
	Paulo: “AEE”.

Fonte: Autoria própria (2023).

As respostas de Carlos e Paulo indicam que ambos recebem apoio do Atendimento Educacional Especializado (AEE). O AEE é um serviço essencial para alunos com necessidades especiais, incluindo aqueles com deficiências, transtornos de aprendizagem, ou outras condições que podem requerer adaptações e suporte adicional na sala de aula. Ter o apoio de um especialista do AEE é fundamental para garantir que os alunos tenham acesso a uma educação inclusiva e personalizada. Embora as respostas sejam concisas, elas transmitem a importância desse suporte em suas vidas acadêmicas. O AEE desempenha um papel vital na promoção da igualdade de oportunidades e no apoio ao desenvolvimento dos alunos com necessidades especiais.

A partir das vivências com os alunos autistas, o professor por sua vez, tem adquirido um conhecimento sobre as especificidades de algum autista, levando a ter um olhar mais empático às necessidades cotidianas e escolares desse aluno.

Tabela 09

Pergunta:	Quais as perspectivas e aprendizagem depois da experiência com alunos autistas na aula de língua portuguesa? O que mudou?
Respostas:	Carlos: “A questão da empatia, pois a maneira como aprendemos, às vezes, não é ideal para o outro. Então, buscar novos caminhos para este fim é desafiador”.
	Paulo: “AS PERSPECTIVAS SÃO BOAS”.

Fonte: Autoria própria (2023).

A resposta de Carlos destaca a importância da empatia como um resultado dessa experiência, menciona que a maneira como aprendemos nem sempre é ideal para todos, e isso pode ser uma lição valiosa ao trabalhar com alunos autistas. A resposta enfatiza o desafio de buscar novos caminhos de ensino que sejam mais adequados às necessidades individuais dos alunos, promovendo assim uma compreensão mais profunda da importância da empatia e da adaptação no processo de ensino. Paulo, por outro lado, é mais conciso e afirma que "AS PERSPECTIVAS SÃO BOAS" (em letras maiúsculas).

Embora seja positivo ter uma perspectiva otimista após a experiência com alunos autistas, a resposta não oferece detalhes específicos sobre o que mudou ou quais aprendizados foram adquiridos. Paulo Freire (2011) diz que ensinar é “uma especificidade humana”, pontuando saberes que somente um ser humano é capaz de tomar. Como a generosidade com os educandos e suas dificuldades, descartando qualquer tipo de julgamento, criando um ambiente justo, ético e respeitoso. A importância da empatia no processo do ensino sempre é de grande valia, pois gera aprendizados positivos, adapta-se às situações, se transforma como professores assim colheram aprendizados positivos dessa experiência.

Não devemos estagnar no caminho como professores, pois é uma profissão que necessita de constantes atualizações. Por vez, a formação continuada deve estar sempre ao nosso alcance. Essa formação se faz necessária, principalmente em temas atuais como o autismo, para termos uma base mais alicerçada para o ensino a esse público.

Tabela 10

Pergunta:	Você busca uma formação continuada para que o aluno autista aprenda de fato a língua portuguesa?
Respostas:	Carlos: “No momento não”.
	Paulo: “Sim”.

Fonte: Autoria própria (2023).

Carlos responde que, no momento, não busca uma formação continuada. Isso pode indicar que o professor Carlos pode não estar atualmente investindo em oportunidades de desenvolvimento profissional ou treinamento específico relacionado ao ensino de língua portuguesa para alunos com TEA. No entanto, essa resposta também pode refletir uma situação temporária, e pode considerar buscar formação no futuro. Paulo, por outro lado, responde afirmativamente, indicando que está buscando formação continuada para ajudar os alunos autistas. Isso demonstra um compromisso com o aprimoramento de suas habilidades como educador e com a melhor compreensão das necessidades dos alunos com TEA em relação ao ensino da língua portuguesa. Enquanto Carlos atualmente não busca formação continuada para esse fim, Paulo busca esse aprimoramento para o ensino, apesar do contratempo em não saber que em sua sala de aula há um aluno autista.

Com isso se faz necessário o aprimoramento nas práticas docentes não somente voltadas para professores que já tenham esse contato efetivo com o aluno com TEA, mas também para aquele que não tem esse contato e que futuramente possa se deparar com alunos com TEA em sala de aula, e dessa forma se sentirem preparadas para o ensino para esse aluno. Nessa visão (Tardif, 2002, p.249) diz que “Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar—se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais.” A formação continuada é fundamental para proporcionar uma educação inclusiva e eficaz para todos os alunos, independentemente de suas necessidades específicas.

Diante os posicionamentos dos professores, e a realidade dos fatos em algumas respostas, se torna um tanto preocupante para o ensino atual desse aluno. Porém, em relação a formação ou melhorias para atender a esses alunos de certa forma podemos ter um olhar otimista para o ensino futuro.

Tabela 11

Pergunta:	Na perspectiva de professor, o que falta para a inclusão de alunos autista?
Resposta:	Carlos: “Maior participação da família, mais profissionais que auxiliem os professores nas tarefas, mais disponibilidade de tempo para planejar e executar ações que mais tarde repercutam positivamente no aprendizado deste público”.

	Paulo: “Melhor qualificação dos docentes”.
--	---

Fonte: Autoria própria (2023).

Carlos menciona que a colaboração entre a escola e a família é fundamental para entender as necessidades individuais do aluno autista e para garantir que haja consistência e apoio tanto na escola quanto em casa. Ter acesso a uma equipe de profissionais que podem auxiliar os professores no atendimento às necessidades específicas dos alunos autistas é crucial. Isso inclui terapeutas, assistentes educacionais e outros especialistas que podem oferecer suporte direto. Os professores precisam de tempo adequado para planejar estratégias de ensino personalizadas e executar ações que beneficiem o aprendizado dos alunos autistas. A inclusão bem-sucedida requer planejamento detalhado e execução consistente. Por outro lado, a resposta de Paulo enfatiza a importância da melhor qualificação dos docentes.

Os professores devem receber treinamento e formação contínua para desenvolver habilidades específicas necessárias para atender às necessidades dos alunos com TEA. Segundo Tardif (2002, p. 243) “Entretanto, se quisermos que os professores sejam sujeitos do conhecimento, precisaremos dar-lhes tempo e espaço para que possam agir como atores autônomos de suas próprias práticas e como sujeitos competentes de sua própria profissão.” A qualificação adequada dos docentes é fundamental para a criação de ambientes de aprendizado inclusivos e eficazes. Diante do processo almejamos a inclusão de alunos autistas e vemos a necessidade de uma abordagem que envolva tanto a colaboração entre a escola e a família quanto a capacitação dos educadores. Sendo assim, a inclusão eficaz requer um esforço conjunto para atender às necessidades específicas de cada aluno, garantindo que eles tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver da melhor forma possível.

Através dos questionamentos levantados observamos que, a formação inicial dos professores é um pouco frágil quando falamos sobre inclusão e principalmente quando delimitamos essa inclusão do aluno autista. Porém, podemos observar que apesar dos desafios diante o despreparo e a pouca formação especializada para esse público, ainda

observa-se algumas mudanças na metodologia e em estratégias de acordo com o que é possível em sala de aula para inclusão.

Podemos perceber que a participação de toda comunidade escolar se torna de suma importância para o ensino, seja repassando informações ou dando apoio a esses profissionais. Pois, apesar de sabermos que não é somente dever do professor a responsabilidade da inclusão, isso, de certa forma ainda é cobrado com mais frequência a eles, mas, a todo um sistema que precisa acatar com seus deveres.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do analisar os desafios e perspectivas na formação dos professores de língua portuguesa durante o ensino ao aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), percebemos que a formação inicial e continuada dos professores desempenha um papel crucial na capacitação desses profissionais para enfrentar os desafios do ensino aos alunos com TEA. A qualificação de professores para a inclusão de estudantes com TEA é fundamental para garantir que eles estejam bem preparados para melhorar sua prática de ensino, proporcionando assim um ensino de alta qualidade e promovendo o aprendizado eficaz e a inclusão desses alunos no ambiente escolar. Assim, conhecendo e se aprofundando mais para se familiarizar com o TEA, para assim obter conhecimentos ricos e proveitosos.

A formação voltada para o TEA especificamente é muito escassa, diante os apontamento dos professores, principalmente nas formações iniciais a essa falta. Atualmente a grade curricular só disponha de uma disciplina obrigatória, LIBRAS, a outras as disciplina optativas a qual o estudante opta cursá-la ou não. Portanto, as dificuldades encontradas não devem superar os esforços feitos para a melhoria do ensino. Ainda há muito a ser feito para garantir o atendimento adequado à educação inclusiva para autista. Essa inclusão pode ser alcançada com melhorias na base curricular, na formação de professores especificada ao autismo, no envolvimento das famílias e no acesso a cuidados médicos e da escola nesse processo. Medidas que poderão transformar a educação em uma realidade inclusiva para esses alunos.

Por isso, é essencial refletir sobre o papel da formação dos professores na inclusão de alunos autistas. É de extrema importância implementar estratégias metodológicas para garantir o progresso educacional e contar com profissionais qualificados e conscientes de seu papel na sociedade. Portanto, intervenções externas no processo de inclusão na educação devem ser contínuas, incluindo cursos, formações e especializações na área de educação inclusiva especificada.

Sendo assim, o estudo contribui para o conhecimento da área, possibilitando um maior entendimento acerca da inclusão de alunos com TEA nas aulas de língua portuguesa. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é hoje uma temática relevante e atual. Assim, a pesquisa mostra a importância da visibilidade do assunto para a reflexão sobre a formação, desde a inicial até a continuada para a melhoria das práticas docentes que possam contribuir para o desenvolvimento dos alunos com TEA na escola e consequentemente nas outras áreas da vida.

8. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Amanda Magalhães; ZACARIAS, Jaqueline da Cruz; MEDEIROS, Kesia Natália; NOGUEIRA, Ruth Kesia Silva. **O papel do Professor Frente à Inclusão de Crianças com Autismo**. Curitiba, 2013. P.7,9.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui o código civil. **Diário oficial da união**: seção 1, Brasília, ano 127, n. 200, p 1-30, 15 jul. 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Art. 205.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Art. 208.

BRASIL, Ministério da saúde. Saúde e Vigilância Sanitária. Visibilidade ao autista. **TEA: saiba o que é o Transtorno do espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares**. 2022.

BRITO, A.; SALES, N. B. **TEA e Inclusão Escolar: Um Sonho mais que Possível**. São Paulo: Edição do Autor. 2014.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e Práticas Educativas na Escola e na Família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FINK, Isabel Cristina. **Autismo e Educação: Possibilidades e Estratégias de Inclusão**. Trabalho de conclusão de curso, Licenciatura em Pedagogia – Universidade do Vale do Taquari, (Univates). Lajeado, 2018.

GIL, A. C. **Método e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, SP: Atlas. 1999.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003. 310 p.

MATTOS, J. C. **Alterações Sensoriais no Transtorno do Espectro Autista (TEA): Implicações no Desenvolvimento e na Aprendizagem**. Revista Psicopedagogia, 36(109), 87-95, 2019.

NÓVOA, António. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola**. Educação & Realidade, Porta Alegre, v. 44, n. 3, p. 01-15, nov. 2019.

NÓVOA, António. **Formação de Professores e Profissão Docente**. Changing Patterns Of Regulation And Power In Teacher Education: Eight Country Study Of Reform Practices In Teacher Education, Lisboa, v. 01, n. 01, p. 01-27, set. 19991.

SCHMIDT, Carlo (Org.). **Autismo, Educação e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014. 274 p.

SILVA, Silvania Pereira; SILVA, Renata Pereira da; BARRA, Eli Conceição. **Inclusão de Pessoas com Autismo na Escola: Enfrentamentos e Estratégias**. Faculdade Ages Senhor do Bonfim-Ba Ânima Educação, Senhor do Bonfim-Ba. 2021.

SOUSA, Maria Josiane Sousa de. **PROFESSOR E O AUTISMO: DESAFIOS DE UMA INCLUSÃO COM QUALIDADE**. Universidade de Brasília – Unb Instituto de Psicologia – Ip Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – Ped Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - Pgpds, Brasília, v. 5, n. 8, p. 1-34, 28 nov. 2015.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2002.